Ano 31.º Sábado, 24 de Dezembro de 1938 N.º 1557

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Livros, Opúsculos e Revistas

Pelo Dr. Alberto Souto

Os Vales Submarinos Portugueses e o Diastrofismo das Berlengas e da Estremadura, *por Carlos Freire de Andrade, colaborador dos Serviços Geológicos.*

O sr. engenheiro Carlos Freire de Andrade não é apenas o herdeiro de um grande nome: é um professor e um geólogo dos mais distintos do nosso País.

O volume que tenho presente e que o autor teve a bondade de oferecer-me, constitue uma obra formidável, de aturado estudo, demorada observação, concepção dificultosa, que vem continuar a tradição honrosíssima dos Serviços Geológicos de Portugal.

É uma obra de fundo.

São 235 páginas de dupla coluna, grande formato, repletas de texto e com numerosas e belas gravuras, cartas, etc.

O autor estudou minuciosamente e Berlenga e o grupo de ilheus e recifes que a acompanham: Estelas, Forcadas e Farilhões; passou à Estremadura, e da conjugação da geologia e tectónica dêstes elementos tirou as suas conclusões relativas aos vales submarinos que afectam a nossa costa ou se apresentam próximo dela.

É uma teoria nova, quási que perturbante, que não tinha sido ainda considerada nos estudos nacionais sôbre a zôna neritica ou batial nem sôbre a orla sedimentar ocidental nem tão pouco sôbre o rebôrdo da meseta.

Não sei se as conclusões do sr. dr. Carlos Freire de Andrade obterão uma adesão e um apoio incondicionais da ciência portuguesa e estrangeira. São, possivelmente, discutíveis, pelo menos arrojados, alguns dos seus pontos de vista sôbre a continuação dos acidentes submarinos no continente; mas, em qualquer caso, o seu trabalho é, indubitàvelmente, de um grande merecimento e obriga a pensar, fôrça ao estudo, leva a ciência nacional a rever e a discutir as ideas anteriores e a admitir hipóteses novas; em resumo: é uma obra original que deve resultar fecunda.

A batimetria costeira começou a tornar-se conhecida depois da publicação da carta respectiva e dos trabalhos hidrográficos do navio *5 de Outubro*, o antigo hiate D. Amélia em que o rei D. Carlos e o naturalista Alberto Girard tinham feito notáveis campanhas oceanográficas no sentido da biologia marítima.

As sondagens da Missão Hidrográfica da Costa de Portugal, a bordo do *5 de Outubro*, sob a direcção do comandante sr. Américo Rodrigues Tomaz, vieram fornecer detalhes preciosos sôbre os relêvos dos fundos do nosso litoral para o estudo do qual dispomos hoje de duas cartas importantíssimas: a batimétrica e a litológica submarina que a essa Missão se devem.

O sr. dr. Carlos Freire de Andrade aproveitou a oportunidade das explorações do *5 de Outubro*, desembarcou na ilha e em quási todos os recifes do pequeno arquipélago fronteiro a Peniche e conseguiu, assim, fazer uma descrição, tão completa quanto possível, das Berlengas, dando-nos excelentes informes sôbre a constituição, estrutura e morfologia externa dos ilheus até há pouco semi-misteriosos.

Só isto seria valioso e digno do maior louvor, pois para um estudo dêstes era indispensável aliar à competência do geólogo, um grande arrôjo e uma grande tenacidade de explorador.

O sr. dr. Carlos Freire de Andrade, que veio assim ampliar os estudos de Daveu e Choffat, fêz curiosíssimas observações.

No grupo das Berlengas notou, por exemplo, haver diversidade entre as rochas graníticas da Berlenga pròpriamente dita e dos Farilhões.

A única correlação entre essas rochas poderia ser feita por uma série de filões pegmatíticos que cortam os gneisses do Farilhão de nordeste quási perpendicularmente ao folheado das rochas.

Contudo, diz o distinto geólogo, se fôsse possível estabelecer essa correlação teríamos de concluir que os granitos eram posteriores ao Ante-Câmbrico e teriam sido formados entre o início do Algonquico e o Lias Superior, visto que no Toarciano e no Saleniano de Peniche encontrou detritos dessa massa granítica. Estamos, pois, em face de duas cadeias ou formações diferentes.

Os Farilhões pareceram ao autor representarem os píncaros duma serra submersa constituida parcialmente por ante-câmbrico, com gneisses e xistos gnêissicos, do tipo moscovítico e biotítico, com faixas de ambas as micas, documentando as grandes pressões a que foram submetidas.

O sr. dr. Freire de Andrade, que mostra não ser partidário da existência de um continente a oeste, pois declara que não encontra vestígios dele, estuda os factos e fenómenos próximos e evita as grandes generalizações e as teorias de alta síntese, como as da isostasia e de translação dos continentes.

Na «*Notícia preliminar àcêrca de uma excursão geológica aos ilheus Berlengas, Estelas e Farilhões*», publicado no *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais* em 1932, o sr. dr. Freire de Andrade, concluira ter havido grandes deslocamentos e pressões e que daí resultaram as diferenças de nível que se constatam naquele mar.

Êsses vales submarinos, para Wegener, são fendas produzidas nos bordos dos continentes em marcha, geralmente utilizados pelos rios. Mas não é dêste parecer o ilustre geólogo lisbonense.

Combatendo as opiniões, como as de Pierre Termier que admitem que a ponte continental que nos unia à América se teria afundado depois do Brasil se ter separado da África e que a área continental que ficára no Atlântico médio, ligada à Península Ibérica, se desmantelara talvez no Plioceno, o sr. dr. João Carrington da Costa, diz que estas opiniões são inadmissíveis; que houve, evidentemente, terras imersas, com certa continuidade entre a Europa e a América, mas que a idade dos afundimentos parciais é variável, tendo deixado, contudo, nítidos vestígios.

O sr. dr. Freire de Andrade não entra nas vastas explicações; observa, constata, analiza o que está em nossa casa ou perto dela e acumula materiais que, diga-se a verdade, são valiosíssimos.

Assim, observando as falhas e diaclases das Berlengas, verificou as conseqüências de dois grandes movimentos tectónicos, dos quais o último se acentua mais nos Farilhões, talvez por muito próximos do vale submarino da Nazaré.

Ora os fenómenos tectónicos post-mesozoicos aí pronunciados, incidiram também nas rochas das costas marítimas portuguesas onde a sua acção foi mais intensa vista a plasticidade e pouca resistência das camadas sedimentares.

Essa relação entre a tectónica dos ilheus e a do continente, conduziu o ilustre professor ao estudo que nos oferece no Capítulo II: descrição tectónica de algumas regiões da Estremadura e dos arredores de Sines e, assim, pelo confronto da tectónica dos ilheus e do continente na orla mesozoica, e pela comparação dos alinhamentos dos afloramentos e da tectónica das rochas sedimentares continentais com as direcções principais dos vales submarinos, pôde verificar certas relações entre uns e outros e estabelecer uma rêde gráfica que remodela e amplia a carta tectónica de que Choffat fizera um esbôço.

É detalhado, minucioso e escrupuloso o estudo da orla sedimentar até ao Algarve, revelando um trabalho exaustivo neste capítulo.

No Capítulo III, o autor trata pròpriamente dos vales submarinos, hoje conhecidos devido à actividade já referida da Missão Hidrográfica criada em 1912.

A plataforma continental entre a costa e a isobata de 200 metros tem uma largura média de 50 kilometros.

É a zona nerítica.

Para lá da isobata de 200 metros, o fundo do mar é bastante acidentado, atinge 5 000 metros a uns 120 kil.os, e forma vales e elevações de formas caprichosas, alguns dos quais cortam, por vezes, a plataforma continental até quási atingirem a costa, havendo elevações, possivelmente vulcânicas. Êsses vales submarinos tinham sido postos em dúvida, mas as sondagens provarám cabalmente a sua existência.

Hull tinha-os já descoberto e atribuido à erosão fluvial dos antigos rios a que parece dever-se o relevo principal do fundo do mar do Norte, por onde se estende o vale do Reno.

Mas o autor repele essa hipotese de uma remota erasão fluvial, bem como a da erosão aerea, opinando pela explicação tectonica.

Os nossos vales submarinos, em seu douto entender, teriam sido formados, pois, por fenomenos tectónicos, que se produziriram no fundo dos mares e no continente, e submersos por acção de diastrofismo.

Descreve depois o ilustre catedrático os vales submarinos do cabo de S. Vicente, de Setubal, de Lisboa e Cascais e da Nazaré e muitos outros ao norte, alguns dos quais penetram no litoral aveirense; estuda a sua origem e as suas repercussões no interior.

Nesta descrição, fala nas areias e correntes costeiras. Muito interessante esta parte do seu volume.

Perto do farol de Aveiro, por exemplo, diz o ilustre professor, a areia tem os grãos com um diametro medio de uns 4 a 5 milimetros o que indica, segundo o autor, duas coisas: a força do mar e a origem relativamente recente dos detritos.

Na areia de Aveiro predomina o grão de quartzo hialino, provavelmente oriundo do granito, mas encontram-se fragmentos de xistos que parecem provir das rochas siluricas e ante-cambricas que afloram junto à costa de Portugal e Espanha, aparecendo também quartzites e fragmentos de conchas.

As correntes costeiras, superficiais, arrastam êsses produtos para o sul.

Mas no entender do ilustre professor, a acumulação deve ter-se feito de sul para norte em sentido contrário à corrente costeira e ao deslocamento actual da foz dos rios.

E' outra ideia nova e esta diversa da hipótese que sempre tenho considerado: deposição e acumulação das areias do norte para o sul.

Trata-se de uma questão muito secundária, mas confesso que a nova teoria me surpreendeu.

Se ousasse divergir do ilustre professor da Universidade de Lisboa, não seria a primeira vez que a sua bondade m'o desculpava.

Sua Ex.ª, que se dignou citar-me em numerosas passagens do seu trabalho, o que muito me honra e daqui agradeço, tivera já anteriormente a gentileza de vir a Aveiro e discutir e observar comigo alguns aspectos geológicos locais.

Quere nessa discussão oral, quere na correspondência que trocámos, eu pretendi justificar a hipótese, que formulei, de estarmos em frente de um levantamento da costa que parece patentear-se na perda costante de fundos, fenómeno para mim pouco explicável apenas pela colmatagem do leito e foz dos rios.

Na verdade, tenho, de há tempos, a impressão — direi simples desconfiança, como costuma dizer-se — de que se está operando, muito lentamente, um levantamento da orla sedimentar sôbre um eixo ou charneira que seria pouco mais ou menos a linha de contacto com a mezeta.

A pantanização junto dessa linha e a diminuição progressiva e alarmante de todos os fundos a oeste, denunciam, quero eu crer, alguma coisa mais que colmatagem. Haverá também uma elevação dos fundos pastosos sob as pressões marginais?

O sr. dr. Carlos Freire de Andrande, com a grande paciência e proficiência próprias de um mestre, atacou o meu ponto de vista — que é mera hipótese — e admite, pelo contrário, na actualidade geológica da região aveirense, um abaixamento. Deu-me, porém, a sua concordância sôbre a ordem de sucessão e a acção dos movimentos epireigénicos a que eu em 1923 atribui a formação e preenchimento parcial dos vales paralelos dos nossos arredores, vales a que hoje associo os que se vêem entre Angeja e Espinho, que considero seus homólogos.

E' natural que seja inconsistente a hipótese que tenho formulado, tanto mais que, na verdade, a um levantamento corresponde sempre um escarvamento do leito das correntes, facto que aqui se não observa e me confunde...

Como natural é que eu labore em êrro, mostrando relutância em admitir a marcha da acumulação arenosa costeira, do sul para o norte, na história dos nossos cabedelos costeiros.

A autoridade do ilustre autor dos *Vales Submarinos* é indiscutível.

Mas as minhas secundárias divergências ou relutâncias não diminuem de forma alguma a admiração pelo sábio professor, a quem presto aqui a minha homenagem e a quem asseguro do alto aprêço em que tenho a sua valiosíssima obra, cujo oferecimento muito me penhorou.

«*Vales Submarinos Portugueses e o Diastrofismo das Berlengas e da Estremadura*», merece e impõe outras referências, além da mera notícia bibliográfica a que se limita êste ligeiríssimo artigo.

Efemérides

24 de Dezembro

1502 — Representa-se, pela primeira vez, o *Auto-Pastoral*, de Gil Vicente.

1524 — Morre Vasco da Gama, o descobridor do caminho marítimo para a Índia.

1800 — Os jesuítas inventam a *máquina infernal* contra Napoleão, então primeiro consul.

1882 — Para festejar o resultado da eleição que elegeu deputado o dr. Manuel de Arriaga, é-lhe oferecido um banquete de homenagem em que se vitoria entusiàsticamente a Rèpública.

Vinho novo

=o=

Devido à escacez do vinho velho foi autorizada pelo Governo a venda do novo, que se iniciou a semana passada em toda a parte com liberdade de preço, vis o a Junta Nacional do Vinho ter resolvido acabar com a tabela fixada para as vendas do armazenista ao retalhista e deste ao público consumidor.

Esperemos agora pelo resultado...

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA CENSURA

Associação Comercial

=o=

Chico amigo: anda cá! Vai lá enganar outro. Doente? Não. Fala a verdade. E' a verdade que moralisa e tu és um moralisador... Nas doutrinas, nos teus actos, na coerencia...

Anda cá, ó Chico! Vamos a repôr a verdade das coisas. Tu não estás doente. Dize, dize, para consolo nosso. Tu não estás doente. O que te *chapou* fóra foi o decreto n.º 29.232 que o *Diário do Govêrno* publicou no dia da tua padroeira, já dentro do dogma—porque não acreditavas nele quando o dr. Afonso Costa te veio defender ao tribunal por ataques à religião—mas que os jornais já haviam anunciado.

Tu saiste, Chico, porque não podias ser dos gremios nem reconheces o Estado Corporativo. Tu saiste, Chico, porque a chafarica vai ser encerrada por lei!

Dize a verdade, Chico.

E' assim ou não é?

O' Chico do coração!

E agora, assente que a chafarica finda, acaba—para onde vai o busto?

Foi o diabo, Chico. Estas coisas custam, mas tem paciência.

E' mais uma *fantesia* que se vai por água abaixo...

Á Câmara

===

Escreve-nos um *higienista*:

«Há tempo deliberou a Câmara—e muito bem—obrigar os criadores de porcos a construir as respectivas pocilgas a certa distancia das habitações. Mas agora são os detentores de galinhas que pedem igualmente a sua intervenção. Em quintais privativos e amplos—dum só dono—é justo que o detentor de aves as tenha como entender—presas ou sôltas; porém, em pequenos pateos, comuns a mais dum morador, é inconveniente, sujo e anti-higiénico trazer galinhas à solta.

Afigura-se-nos que a construção de galinheiros vedados, com cêrcas cobertas de rêde de arame, seria uma medida de certo modo acertada. Lembre-a o *Democrata* porque, com isso, presta à cidade mais um bom serviço».

Então pois sim. Não custa nada e há coisas que, para se obterem, precisam que se fale nelas.

Administrador Apostólico

Veio quarta-feira à Redacção do *Democrata* o sr. Arsebispo de Ossirinco, que, na ausencia de quem o pudesse receber, se dignou deixar-nos o seu cartão.

Registámos a honra.

Falta de espaço

Por êste motivo tornou-se-nos impossível inserir neste número tôda a matéria já composta, ficando para o seguinte a que não perde oportunidade.

O sr. Blum

—:—

E' já proverbial a infelicidade do sr. Blum com as suas profecias, as suas previsões sôbre o futuro, que esmalta os seus artigos diários no orgão socialista francês. E' sabido: quando o sr. Blum afirma que uma coisa vai sair branca, sai preta—de certeza.

Quem quizer, até, andar a par dos acontecimentos que o futuro nos reserva não tem mais do que virar do avêsso os augúrios do sr. Blum. E' receita garantida.

Seria natural, tantas e tão graúdas têm sido as partidas que a realidade já pregou às suas opiniões e vaticínios, que o sr. Blum se tivesse emendado e já não se arriscasse a sofrer os brutais desmentidos dos factos. Mas não; o sr. Blum não pode resistir à tentação de brincar aos oráculos, talvez por ser da raça que é. E por isso coutinuam a suceder-lhe aventuras divertidas.

A última merece ser contada. A 23 de Novembro passado, escrevia êle no *Populaire*:

«Desde a conclusão dos acôrdos de Munique, isto é, quási há dois meses, circula periòdicamente o boato que as negociações entre Paris e Berlim chegaram a resultados práticos e de que o texto do entendimento será publicado a todo o momento... O boato é inexacto: não há que esperar, de momento, qualquer arranjo particular entre Berlim e Paris».

No dia seguinte, o tal arranjo que o chefe socialista atirava para as calendas gregas era, oficialmente, anunciado! Decididamente tem razão um comentador desta história: *à medida que vai envelhecendo, o sr. Blum, profecta, ultrapassa-se...*

Estamos até a ouvi-lo como é costume com os vencedores das provas desportistas, no fim das suas proezas: *Para a próxima vez tentarei fazer melhor!*

...Claro está: o sr. Blum, apezar destas e doutras, continua a ser uma pessoa inteligentíssima para certos maduros que nós conhecemos.

Agendas

=o=

A *Casa Souto Ratola*, que é das mais conhecidas de Aveiro pela sua antiguidade, ofereceu-nos duas para o ano que vem, graça que muito lhe agradecemos, recomendando ao público o variado recheio do grande estabelecimento.

Se não há outro, no género.

EUMAREIRISMO!

Natal

A Festa da Família era, noutros tempos, em Aveiro, uma festa soberba, admirável, ruidosa, devido às *entrega de ramos* que se efectuavam, dando lugar a invulgares manifestações de confraternização. Porém, hoje, entraram em decadência e quási se não ouve o estralejar dum foguete, tendo as músicas também emudecido e os sinos das igrejas deixado de repicar as suas Aleluias, como de costume. Tudo acaba. Mas esta tradição de Aveiro causa-nos pena por com ela desaparecer a alegria dum povo que se sentia sempre feliz pelo Natal e Ano Novo, dando publicamente largas, nas ruas da cidade, aos seus anseios de rejuvenescimento.

Tempos, tempos!...

O TEMPO

—x—

Desde domingo que o termometro acusa baixas temperaturas, não se parando com frio. Entrámos, pois, no Inverno. São tres meses que custam a passar, mas que remédio?

IMPRENSA

«A RABECA»

Por se ter desafinado, suspendeu a publicação por espaço dum mez este jornal de Portalegre.

«A AURORA DO LIMA»

Está de parabens o antigo colega do Minho—velho, não!—que, com o número de domingo, completou 83 anos de existência.

Dirige actualmente o decano, Bernardo Silva, que de longe, já, vem amparando, à custa de grandes sacrifícios, a vida do considerado orgão da imprensa de Viana do Castelo. E explica-se: como hão-de os jornais de provincia sustentar-se completamente desprovidos de recursos?

A Aurora do Lima é uma relíquia de Viana por ter um passado honroso e um presente dignificador. Merece, pois, de todos uma preferência especial para a livrar de dificuldades e do perigo que ameaça a chamada pequena imprensa. Oxalá a encontre. São êsses os votos do *Democrata* ao felicitar o presadíssimo colega, que tanto se distingue na ridente província onde circula, e, em especial, o seu activo director, aquele Bernardo Silva que não cansa nem esmorece, talvez por considerar um dever a manutenção do jornal onde trabalha desde os verdes anos.

ZANGAS...

Mas que mal faria o dr. Querubim Guimarães ao reverendo Campos?

Então não foi o conego, director do protocolo, que marcou os discursos? Com que direito havia de falar? Que representação levava para o fazer? E, depois, como queria o sr. padre Campos falar se não foi ao banquête, se lá não estava?!

Valha-nos Deus!

Este Senhor padre Campos, quando lhe dá para abusar da simpatia que disfruta, é os nossos pecados.

E esta?

=o=

Recortâmos dum colega:

«No sábado passado, um viajante, acometido de doença súbita, teve de ser desembarcado na estação velha de Coimbra, indo para uma das salas de espera.

Imediatamente, um dos solicitos funcionários daquela estação, telefonou para os Haspitais da Universidade, pedindo o envio de uma maca para o transporte do doente.

Resposta: só pagando.

O referido funcionario telefona, então, para o quartel dos Bombeiros Municipais, rogando a prestação do mesmo auxílio.

Resposta: só pagando, porque... a maca dos pobres *ainda está a concertar*, e a outra, a dos ricos, é só para quem tiver aquilo com que se compram os melões.

O funcionàrio dos caminhos de ferro, cheio de tenacidade e paciência, telefonou, então, para os Bombeiros Voluntarios.

Estes respondem—aliás muito justamente—não poderem prestar o serviço pedido a titulo gratuito, quando entidades oficiais se recusam a faze-lo.»

Em conclusão: valeu ao doente ter sido a pedida intervenção do sr. comandante da Policia que, posto ao corrente do que se estava passando, intimou a corporação dos Bombeiros Municipais a prestar o serviço que lhe fôra solicitado.

A's vezes dão-se coisas...

BAILES

Realisou-se no ultimo sábado a *soirée* no *Club Mário Duarte*, que decorreu cheia de animação até à madrugada de domingo.

Tomaram parte bastantes famílias de Aveiro e algumas de fóra.

* * *

No *Recreio Musical Esgueirense* realisa-se ámanhã à noite o *Baile do Natal*, que a mocidade folgazã aguarda com ansiedade.

Promete revestir-se do máximo lusimento.

* * *

Tambem ámanhã à tarde e no dia 31 à noite—passagem do ano—se realisam bailes na *Sociedade de Recreio Artistico*, promovidos por uma comissão de sócios daquele antigo grémio da Rua Gustavo F. P. Bastos.

Agradecemos os convites enviados ao *Democrata*.

Tearto Rentini

=o=

Fêz a sua estreia no domingo e não no sábado, como dissemos, a companhia de declamação Julieta Rentini Godefroy que durante a semana deu mais dois espectáculos, agradando.

Está instalada num salão metálico na Avenida Dr. Lourenço Peixinho e o seu reportório é vasto.

A'manhã representará a conhecida peça intitulada *José do Telhado*.

Necrologia

Em casa de seu genro, o sr. Jeremias Vicente Ferreira faleceu na segunda feira a sr.ª D. Ursula Júlia de Almeida, viuva, há 10 anos, do industrial de sapataria, José Almeida dos Reis, que fôra estabelecido, ali, na Rua Direita, próximo à Farmácia Ribeiro, e, mais tarde, na Praça 14 de Julho.

Tinha 88 anos de idade e deixa duas filhas, a sr.ª D. Emília Ferreira e D. Adriana de Sousa, que foi viver para o Minho, depois da morte de seu marido, o sr. Viriato Fernando de Sousa.

O enterro da extinta, que se coservou lucida até quási aos últimos momentos, realisou-se para o cemitério central com grande acompanhamento de pessoas de todas as camadas sociais, tendo sido portador da chave da urna o sr. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Camara Municipal.

Os nossos pêsames a toda a familia.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Lourenço Rodrigues Quaresma, casado, de 70 anos, tio do sr. dr. Francisco de Assis Maia, professor do nosso liceu; D. Deolinda Moreira da Silva, viuva, de 67, e mãi da sr.ª D. Celeste Lopes Gama e do sr. Francisco Gama, e Maria Dias Moreira, solteira, de 33, filha do sr. António Dias Moreira; em *S. Bernardo*, António Aves da Costa Portugal, casado, de 75; na *Quinta do Gato*, Francisco Gonçalves Caiado, viuvo, de 72, e na *Quinta do Picado*, Francisco de Jesus Bastos, solteiro, de 70.

Ver a 4.ª página

Dois discursos

Aveiro e a restauração da sua Diocese

Reproduzimos, para que possam ser tambem apreciados pelos leitores deste jornal, os discursos proferidos na sala nobre do Mucicípio pelo presidente, dr. Lourenço Peixinho, e pelo sr. D. João de Lima Vidal, Administrador Apostólico do Bispado, que, ocopando os logares próprios, assim se exprimiram:

«Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo D. João Evangelista de Lima Vidal, muito digno Administrador Apostólico da Diocese de Aveiro:

E' com a maior satisfação, com o mais profundo jubilo, que dirijo a Vossa Excelência Reverendíssima as minhas respeitosas saúdações e apresento as homenagens mais sentidas da minha admiração e do meu respeito ao prelado ilustre que hoje entra em Aveiro para reatar uma tradição perdida há perto de sessenta anos e que durante mais de um século ilustrou esta terra, honrando-a e honrando a Igreja portuguesa com as virtudes e tálentos dos que foram ornamento notavel da nossa antiga Diocese.

Não podia Aveiro ficar indiferente a um acontecimento como este que se celebra e que marcará na sua história uma das mais belas páginas que ela regista.

E — coincidência feliz — ou antes providencial desígnio: é um aveirense ilustre, que, pelos seus altos merecimentos morais, superior espírito, culta inteligência, extrema bondade de alma e ceração amantíssimo, elevado à dignidade prelaticia, o portador da bôa nova, após o mais dedicado e valioso esforço no sentido de vêr realisada esta aspiração da terra que lhe foi berço.

Por isso Aveiro recebe carinhosamente, acolhedoramente, jubilosamente, a pessoa de Vossa Excelência Reverendíssima e com duplo regosijo assinála, festivamente, o dia de hoje—o regosijo, a satisfação de se vêr novamente engrandecida com a sua Diocese restaurada e a alegria e a honra de vêr escolhido por Sua Santidade, para lançar os alicerces deste edifício a reconstruir, um seu Filho querido, que por tantos títulos a enobrece e que nunca a esqueceu, nem no continente, nem fóra do continente, nas paragens distantes onde foi chamado a cumprir espinhosa missão.

Sempre Vossa Excelência guardou no seu coração enternecido, um lugar de eleição para esta linda Aveiro, onde os seus olhos receberam a primeira luz e que é para todos nós a terra adorada, a quem muito queremos, pela qual nos sacrificaremos sempre e que por ser a terra onde nascemos é a melhor de todas, conquanto seja, na verdade, uma das que maiores encantos e belezas possue êste nosso formoso Portugal.

Mas se Aveiro sobe em dignidade, em honra, em categoria, também maiores deveres lhe traz a restauração da Diocese.

Assim o julgo e porque assim o julgo aqui o deixo consignado.

Certo estou, porém, que Aveiro, ciosa do seu bom nome, se sente enobrecida com a honra de que Vossa Excelência Reverendíssima a vem hoje investir, jámais esquecerá o que fica devendo à acção persistente e tenaz de Vossa Excelencia Reverendíssima junto da Santa Sé, removendo todos os obstáculos e aplanando todas as dificuldades, para que tal honra lhe fosse outorgada, e bem compreenderá, de futuro, as grandes obrigações morais que hoje contraiu e que de ora ávante terá de respeitar sempre.

Não podia a Câmara Municipal alhear-se destas manifestações jubilosas que fazem hoje vibrar Aveiro entusiasticamente, porque então não saberia traduzir os sentimentos dos seus municipes de que sempre procura ser fiel interprete, embora nem sempre esteja nas súas possibilidades realizar justas aspirações de que se fazem eco.

Honra-se esta casa—os Paços do Concelho—em receber, com esta modestia, mas com a mais carinhosa simpatia, a pessoa de Vossa Excelencia Reverendíssima.

Em nome da Câmara Municipal saudo o Excelentíssimo Administrador Apostólico e faço votos ardentes pelas prosperidades pessoais de Vossa Excelencia e pelo mais feliz exito da alta missão de que vem encarregado, desejando para a Diocese de Aveiro vida longa e que da sua acção promanem frutos admiraveis para esta terra e para todos os que vão ficar sujeitos à jurisdição do novo prelado».

Em seguida, usou da palavra, a agradecer, o ilustre Prelado, que assim se exprimiu:

«Como eu queria neste momento ter palavras profundas, enormes, cheias de vibração e de chama, destas que ficam para sempre como que gravadas num bronze eterno, para dizer a V. Ex.ª sr. presidente da Câmara, e na pessoa de V. Ex.ª a todo o povo da minha terra—dizer o quê?—nem eu sei!

O assombro, o enternecimento, o anseio, toda a fremente palpitação da alma que tenho, de sentir passar sobre mim esta hora inefavel que estou a viver!

E eu a pensar que já tinha vivido muito, que já não podia conhecer emoções mais suaves! Agora vejo e sinto que a grande hora da minha vida não foi nenhuma das que passaram; é esta, que passa agora.

Apaixonado pela minha terra, com um altar de Aveiro dentro do peito, eu fui obrigado, desde criança, a viver longe dela. Só de raro em raro, nalgum dia de mais saudade, eu vinha aqui respirar com sofreguidão o ar salgado da nossa ria, ouvir a gritaria, o praguedo inocente dos nossos marnotos, ouvir tocar este sino da Camara, que não perde nada, com o tempo, do som cristalino das badaladas.

Mas então eu atravessava estas ruas como se elas não fôssem já minhas, como se eu tivesse engeitado a parte delas que me pertencia como filho do nosso sol, da nossa luz, do nosso ar, do nosso Vouga, do nosso povo. Os sinos das torres, eu bem lhes reconhecia os sons; eram êles, êles mesmos, como quando eu os ouvia em criança; seria bem capaz de os distinguir e apontar no meio do badalar imenso e confuso de todos os sinos do mundo; mas como que os ouvia tanger a distancia, a grande distancia, porque entre êles e a minha alma se interpunha o desterro.

As ondinas da nossa ria, as velas brancas dos nossos barcos, a graça da nossa gente, a vida da nossa terra, os nossos horizontes, os nossos costumes, as nossas maneiras, Aveiro, enfim, tudo estava efectivamente, nessas horas fugitivas, junto de mim, mas coberto, para assim dizer, por um veu de tristeza, por uma névoa de nostalgia, porque a suave paisagem só corria por um momento diante dos nossos olhos para se esconder, em seguida, deixando-me pesaroso a procura-la—em vão!—nas sombras das terras distantes!

Agora, não, queridos irmãos de bêrço, queridos irmãos de sangue: eu venho para o meio de Vós, como o último de vós, certamente, mas, enfim, como um de vós, como um primogénito ainda vivo de grande família. Eu venho sentar-me à lareira convosco, quási um avô que estremece os seus netos, que lhes conta a história da sua vida e todas as histórias que êle aprendeu no curso longo dos seus velhos anos; eu venho para ser só de Aveiro, para sentir todas as suas palpitações, todas, todas, no meu coração, para sentir correr nas minhas veias só o seu sangue, se assim me fôsse permitido exprimir-me; eu quereria mesmo dizer: para me fazer uma encarnação viva da nossa terra. Ah! E como eu desejaria que a Casa da Diocese, que mandei construir em tempo sem presentir, então, o destino que Deus lhe dava, fôsse um pouco à semelhança desta, sr. Presidente—uma Casa do Povo, um Municipio de outro género, é certo, onde todos possam entrar livremente sem terem de reconhecer que se enganaram na porta, desde o fidalgo ou o sábio ou a nobre dama em todo o esplendor da sua posição ou da sua fortuna, ao velhinho amparado a um pau, que treme de frio, até à mãi descalça que sustenta nos braças um molho de lágrimas, até ao garôto de fralda de fóra, que entra triunfalmente na igreja ao som dos seus orgãos. Eu não queria ficar sósinho no Paço, como um sêr solicitário e triste, que não tem comunicação com os outros. S. Paulo dizia a uma das suas Igrejas: quem adoece aí, que eu não adoeça também? Quem se queima num dedo, que eu não sinta logo arder também o dedo da minha mão?

Eu quero, se Deus me ajudar, ser assim tambem um pequeno S. Paulo para esta Igreja; quero sofrer com aqueles que sofrem, quero queimar-me no mesmo fogo dos que padecem.

Poderá ser que, ou uma ou outra vez, não haja lá senão uma fatia de pão ou uma lágrima de azeite ou de vinho, mas essa fatia poderá ainda partir-se, essa gota terá o condão de não se extinguir. Se venho para Aveiro com algum programa, êsse é o programa que trago: fazer bem, ser pai, ser irmão, ser amigo.

Não sei por quantos dias, por quantos momentos estarei aqui no meio de vós. Seja como fôr, agradeço à Providência que, antes da abalada para a grande pátria, dê ao ausente esta espécie de consolação *in extremis*: voltar ao lar, por uma hora, ao menos, viver em família com os seus irmãos, comungar das suas alegrias, das suas esperanças, dos seus triunfos, como chorar com êles das suas tristêzas, dos seus infortúnios, das suas dóres.

Eu quereria tudo isto, e ainda mais: quereria morrer aqui, no meio de vós, amortalhado pelo vosso amôr, espargido pelas vossas preces.

Sr. Presidente: eu contrai uma divida verdadeiramente insoluvel. Nem posso pensar em tentar pagá-la. Qualquer destas pétalas que sobre mim cairam durante o trajecto, é como se fosse uma estrela, como se fôsse um tesouro.

E riquezas tamanhas, como se podem pagar?

Sr. Presidente: peço-lhe que diga a todos, porque nenhuma voz como a sua podera ser ouvida tão alto, que eu nem sequer soube, nesta hora de deslumbramento, nesta sala augusta do Município, gaguejar o agradecimento, a devoção da minha alma pelo nosso povo, pela nossa terra de Aveiro.

Diga-lhes que, como aquele que, pela própria missão do seu sacerdócio, pelo seu direito de progenitura, nunca poderà ser indiferente à piedade do povo, antes será sempre o seu servo fiel, devoto, dedicadissimo. E desculpe-me, sr. Presidente, se nem sequer falei da ressurreição do Bispado e do grito de alegria e triunfo que ela arrancou ás cinzas mortas da Diocese. Temos tempo para lhe sentir todo o benefício e toda a glória. O que me importava principalmente bradar nesta hora e neste lugar a todos os ventos de Aveiro, aos vivos e mesmo aos mortos que dormem no cemitério é o meu *Te-Deum*, acção de graças que me sôa na alma como um clarim de oiro puro, como uma harpa, para a consolação que a Providencia me deu neste dia, recebido no Município como um filho da terra, e exaltado, não pelos seus merecimentos, mas pela ternura da pátria, como um predilecto.

Conferências

O crítico de Arte, sr. dr. Adolfo Faria de Castro, Licenciado em Filosofia e antigo professor efectivo do Liceu de Aveiro, realizou em Coimbra, no Liceu D. João III, uma conferência sôbre o *Desenho liceal na França e na Bélgica*.

Presidiu o sr. dr. Alberto Sá de Oliveira, reitor daquele estabelecimento de ensino, ladeado pelos srs. Planchard, professor da Faculdade de Letras e representante do sr. Ministro da Bélgica, e por uma delegada da sr.ª Reitora do Liceu Infanta D. Maria.

Depois de ter posto em destaque a acção educativa e nacionalista do Instituto para a Alta Cultura, o sr. dr. Faria de Castro descreveu a viagem de estudo efectuada na França e na Bélgica, como bolseiro do Instituto, havendo visitado escolas, museus e monumentos de arte e obtido informações directas sôbre o desenho, nos seus diferentes graus de ensino.

Apresentou uma série preciosa de exercícios desenhados por alunos dum liceu de Paris e dum Ateneu de Bruxelas, nas aulas dos professores Spitz, Roblin, Montforte e Lismond. Esses trabalhos fôram comentados, ilustrando o texto da conferência.

O ensino do 2.º grau em França e o ensino médio da Bélgica incluem o desenho em todos os anos, por ser considerado base da cultura geral.

A história da Arte nos liceus franceses é leccionada numa disciplina àparte (4.º, 5.º e 6.º anos) e nos liceus e ateneus belgas é ensinada juntamente com os exercícios de desenho, desde a classe de entrada.

Vários quadros exemplificaram lições-modelo.

Depois de analizar a técnica do ensino, o sr. dr. Faria de Castro referiu-se à organização material das salas de desenho, assunto que foi versado no Congresso Internacional de Desenho, reunido o ano passado em Paris, por iniciativa da Federação Internacional para o Ensino do Desenho, com séde em Zurich. Defendeu a necessidade do desenvolvimento do ensino do desenho nos nossos liceus, lembrando a sua extensão a todo o curso.

Foi numerosíssima a assistência a esta sessão pedagógica, cujo presidente felicitou o conferente pelo seu trabalho, que classificou de *esplendida lição de metodologia*.

* * *

Também o capitão veterinário, dr. António Lebre, realizou, domingo, no salão do *Club Recreativo Verdemilhense*, uma palestra, a primeira duma série sôbre a sua viagem à Argentina.

Podemos afirmar que ela resultou brilhante e que tomou fóros de verdadeira conferência, prendendo absolutamente a atenção da numerosa e selecta assistência, a quem fêz viver momentos da movimentada vida de bordo, que descreveu com notável colorido.

Focou a traços largos o porto e cidade de Las Palmas; referiu-se aos rochedos de São Pedro e São Paulo, que a grande façanha de Gago Coutinho e Sacadura Cabral tornaram particularmente célebres; falou dos emigrantes, da assistência que lhes é dispensada, das comodidades que usufruem a bordo, da sua alegria, das suas danças e dos cantares, até às águas de Pernambuco, após rápidas referências à ilha Fernando de Noronha.

A sua próxima conferência, ainda sem data marcada, versará sôbre as cidades de Pernambuco e Rio de Janeiro.

Esta modalidade de instrução foi seguida de baile, organizado por um grupo de gentis meninas, que resultou animado.

Amanhã realiza-se no mesmo ocal um *Serão de Arte*.

Secção desportiva

Foot-Ball

Campeonato do distrito

O Beira-Mar venceu merecidamente a Ovarense, por 2-1

Falta, apenas, uma jornada para o campeonato regional terminar.

No domingo, nesta cidade, o *Beira-Mar* venceu a *Ovarense*, por 2-1, com merecimento.

Os aveirenses dominaram o bastante para marcarem mais que os dois *goals*, no primeiro *off-time*. Contudo, só Décio conseguiu violar as redes dos ovarenses, nesses 45 minutos de grande pressão.

Na segunda parte, os visitantes equilibraram a partida e obtiveram o seu único tento, graças a um *shot* de longe, que surpreendeu Dionisio, completamente tapado pelos seus defesas.

O jogo decorreu com correcção. Justiça, no segundo tempo, travou-se de razões com um ovarense e acabaram por sêr os dois expulsos do rectangulo, pelo arbitro.

No fim do jôgo, o público vaiou os visitantes, chegando a registar-se tumultos nas ruas da cidade entre adeptos de ambos os grupos.

Embora os ovarenses tivessem recebido muito mal os aveirenses, a quando do primeiro desafio do campeonato, êstes incidentes provocam sempre impressão desagradável a quem os presencia.

Será de toda a conveniência que, para o futuro, as Direcções dos dois importantes clubs, envidem esforços para acabarem, de vez, com tão deprimentes espectáculos, que se desenrolam à margem das pugnas desportivas.

Em reservas, os aveirenses perderam, por 0 2, depois de se terem preocupado, apenas, com violencias desnecessárias e novamente incitados pelo seu capitão.

Pela segunda vez chamamos a atenção dos dirigentes do *Beira-Mar* para êste caso, cônscios de que não teremos de voltar a frizá-lo.

A'manhã o *Beira-Mar* desloca-se para S. João da Madeira.

Quer perca ou vença, já não ficará no último logar.

O *Oliveirense* ou o *Sporting* é que, ámanhã, tambem, na terra do último, derimirão entre si a posse do terceiro posto.

Se empatarem e se o *Beira-Mar* vencer, o *Sporting* ficará empatado no quarto logar com o grupo aveirense.

Consta que, êste ano, para o campeonato nacional da II Divisão, o nosso distrito fornecerá quatro agrupamentos.

Resta, portanto, ainda uma ténue esperança...

Y.

Sinistros marítimos

No Tejo deu-se, segunda-feira, um abalroamento entre uma draga e um gazolina que atravessava o rio com passageiros para Cacilhas, morrendo na tragédia uma dezena de pessoas e ficando bastantes feridas. E quarta-feira naufragou na nossa costa a traineira *Senhora da Boa Nova*, cuja tripulação, composta de 43 homens, foi tôda salva pela *S. Gabriel*, que acudiu aos instantes pedidos de socôrro.

São assim os dramas do mar.

O TEMPO

Previsões de 25 a 31 de Dezembro

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Depois de uma oscilação brusca, de 27 para 28, continua a descida barométrica, iniciando a subida, fortemente aceatuda, em 30.

Datas de novos ciclones—Em 27 e 30.

Movimentos mais sensiveis no campo de pressão—Em 27 e 30.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo se apresente, por vezes, com tendência para chover e ventoso, principalmente nos dias 25, 26, 27 e 28.

Tempo no estranjeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, E. U. da América do Norte e Anatólia.

Oscilação provável de temperatura na Peninsula—Continua oscilante.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: de 26 para 27 e em 29.

Setúbal, 21 de Dezembro de 1938.

A. CARVALHO SERRA

Trincheira dum crente

Uma Raínha

A Senhora Dona Amélia de Bragança sempre foi e ainda é, uma altíssima individualidade de Raínha. No passado ilustrou-se pelas insignes funções que desempenhou com incomparável dignidade, elevação e aprumo, no velho e histórico trono de Portugal.
Hoje ainda o é, também, pela aristocracia do sangue, pela linhagem do espírito, pelos primores de educação, pela santa devoção da sua vida de apostolado, posta ao serviço do Bem e do próximo e pela imensidade de tragédia que o destino implacávelmente lhe reservou.

A entrevista concedida ao *Século*, que teve pronunciados fóros de sensacional, mais uma vez revelou em tons clarividentes e exactos, a sua visão perspicaz, o seu carácter decidido e firme e os seus inconfundíveis e preclaros dotes de mulher e de Raínha.

Evocando êsse agitado fim de uma época decadente; êsse desmoronar precipitado do sistema e das instituições monárquicas; a queda desastrosa e inglória duma geração e duma élite, sem verdadeiro idealismo, sem confiança em si e nos princípios políticos que professavam e serviam, que sucumbiram cheias de fraqueza e com laivos de traição nas atitudes, tem-se a impressão de um Juizo de Deus, vive-se o empolgante sentimento da tragédia e da derrota sem apêlo nem remissão.

O quadro emoldurado de realismo, de côres vibrantes, de ironias leves, de reticências que exprimem tudo, de linhas severas mas cortezes, é emocionante de luz, de verdade, de desassombro e de palavras justiceiras.

Depois da tragédia do Terreiro do Paço, expulsos menos pelos êrros do regime e dos seus servidores, do que pelas ideias dos adversários, caldeadas em sangue e em fôgo, de que pelo verbo incendiado transmudado em pólvora, a Monarquia tinha os seus dias contados.

Esse drama de martírio, de dôr e de calvário, nódoa bárbara e trágica na história contemporânea, foi o corolário natural e lógico das paixões, das ambições, dos ódios, des invejas e das vaidades políticas.

A paixão política aquecida e exacerbada rapidamente se transporta ao crime e á morte.

A história antiga e moderna está repleta dessa verdade, dessa certeza e dêsse ensinamento.

Tanto pela experiência como pelo raciocínio, quer pela ordem dos factos quer pelos princípios da razão, temos de condenar em absoluto a paixão política, como nociva, como inferior, como um vinco de animalidade a tatuar a consciencia do homem.

Formar, educar e instruir polìticamente a humanidade, é torná-la moderada, é dar-lhe o sentido do equilíbrio, é habituá-la a atingir o sentimento da medida e do justo, é inundá-la de generosidade, de grandeza de alma e de coração perfeito.

* * *

Essa Raínha, grande alma lusíada, que tem sempre o olhar e o coração voltados para o passado e para Portugal, e que entre nós há muito tinha o direito e a alforria de viver e de ser útil aos infelizes e aos párias do destino e da sociedade, exprimiu em forma de íntima amargura o juízo que os incidentes últimos da Monarquia lhe mereceram.

As politiquisses partidárias mais censuráveis suplantavam os mais grados interêsses públicos. Qualquer grande iniciativa sugerida era, muitas vezes, alvo de incompreensão e de sarcasmo.

Na hora decisiva da revolta de 1910, quando a metralha escavacava o Paço, os generais, os ministros, os políticos e muitos servidores da dinastia que tude deviam à Corôa, eclipsaram-se lamentàvelmente. A eterna ingratidão portuguesa!

Muitos dêles já estavam preparados, com malas e bagagens, para aderir ao novo sol que despontava!

A Monarquia ruía estilhaçada aos pedaços sem servidores que a defendessem!

Couceiro,—corpo e alma de herói, mesmo impotente, mesmo vencido, salvou o pundonoroso ponto de honra!

Por fim como opróbrio descoróavel, o labeu infamante da fuga cobarde do Rei e da família real. Não, afirma a Raínha cavalheirescamente, com galhardia, com heroismo:

«Os Braganças não fugiram para Gibraltar! Embarcaram para o Porto».

J. Carreira

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, as sr.as D. Rosalina da Conceição Neto e D. Natália Frias Garcia Couceiro, esposas, respectivamente, dos srs. Cipriano Neto, chefe de secretaria da Câmara Municipal e Eugénio Couceiro, residente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental) e os nossos amigos dr. Abílio Justiça, distinto oftalmista em Coimbra, e Mário Duarte (filho), cônsul de Portugal em Trindade; no dia 26, a sr.a D. Celeste Freitas Fidalgo, esposa do sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, comerciante local, e o filho Élio, do nosso amigo António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara; em 27, o sr. Lourenço da Paula Dias, da Fundição Aveirense; *em 28, o nosso amigo Henrique Ramos, da* Foto-Central, *e o sr. tenente Joaquim de Matos, de Infantaria 19; em 29, o nosso velho amigo dr. Joaquim António de Azevedo e Castro, juiz da 3.a vara civel de Lisboa, e a inocente Maria Manuela, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel, e em 30, os srs. dr. Mário de Azevedo e Castro, médico nas Caldas da Rainha, e Joaquim Coelho da Silva, chefe de conservação de estradas em Paredes (Douro).*

Casamentos

Está justo o casamento da menina Benilde Almeida de Jesus com o sr. Telmo da Graça Melo, empregado nos correios em Sangalhos.

O enlace deve efectuar-se no princípio do novo ano.

Gente nova

Deu à luz um menino a esposa do sr. António dos Santos Neves, *da* Leitaria Chic, *desta cidade.*

Parabéns.

Partidas e Chegadas

A passar as festas do Natal encontra-se entre nós o sr. Manuel Branco Lopes, 2.º tenente da Armada, e com sua esposa o sr. dr. A. Rafael Amorim de Lemos, delegado do P. da Rèpública em Vinhais.

—Também se encontra entre nós a sr.a D. Laura Mendes Leite de Almeida, que, na próxima semana, seguirá para Biarritz, onde passará alguns dias na companhia de seu marido, o sr. general João de Almeida, ali residente.

Desejamos-lhe feliz viagem.

Correspondencias

Costa do Valado, 22

Está à porta a festividade do S. Tomé, que se realiza no domingo. Depois da procissão haverá arraial e durante êste proceder-se-á à arrematação dos pés de porco, que constituem as promessas do dia.

—Faleceu na Gandara, com 91 anos de idade, a sr.a Rosa Marques, viuva, e que há bastante tempo se encontrava doente.

Tornou-se muito conhecida por ter negociado em cobertores e queijo, aparecendo em vários mercados e feiras distantes.

Era mãi da sr.a Maria Vieira, casada com o negociante sr. Albino Peralta Estrela, e dos srs. Manuel, José e Albino Vieira dos Santos, a quem enviamos as nossas condolências.

O funeral realizou-se na tarde de terça-feira, com música, levando a chave da urna o sr. Albano Nunes Génio.

C.

Esgueira, 21

Realizou-se domingo, no *Recreio Musical*, a eleição dos novos corpos gerentes, cujo resultado daremos no próximo número.

—Encontra-se entre nós, com sua esposa, o sr. José da Silva Neto, aspirante de Finanças em Vila Nova de Fozcôa.

C.

Oliveirinha, 22

Concluiu a sua formatura em Ciências Biológicas na Universidade de Coimbra, o nosso amigo dr. António Tomás Vieira, daqui natural, e filho do abastado lavrador, Marcelino Tomás Vieira.

O novo licenciado, que deve chegar por êstes dias, demonstrou, durante o seu curso, superiores qualidades de inteligência e trabalho que lhe permitiram vêr coroada de êxito a carreira escolar, agora terminada.

Ao dr. António Tomás Vieira, como a seus pais, cuja satisfação se justifica, as nossas felicitações com o desejo dum futuro quanto possível venturoso.

—A feira de ontem esteve muito concorrida, fazendo-se, por isso, muitas transacções principalmente em gado bovino e suino.

C.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

1.a publicação

Por êste Juizo, segunda secção, primeira Vara, e nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Púbiico move contra Manuel dos Santos ou Manuel Ribeiro, o *Miudo*, casado, agricultor, das Vergas, por apenso aos autos crimes do processo de querela, que lhe moveu o Ministerio Público, vão à praça, para serem arrematados por quem maior lanço oferecer acima das suas respetivas avaliações, no dia 15 do próximo mês de Janeiro, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da República, em Aveiro, os seguintes predios pertencentes e penhorados ao executado:

Uma terça parte de um terreno a mato, sito na Lombada, ou Chasqueiro, limite do Ervadal, freguesia de Vagos, avaliada em 40$00; e

Uma terça parte de um terreno baldio, sito em Sanchequias, avaliada em 25$00.

Pelo presente são citados os credores incertos, e bem assim os comproprietários, Claudino Ramos, casado, auzente em parte incerta no estrangeiro e Joaquim dos Santos, casado, auzente também em parte incerta do Brasil, para naquela qualidade, deduzirem os seus direitos, querendo no acto da praça.

Aveiro, 2 de Dezembro de 1938.

O Chefe da 2.a Secção
Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.a Vara
António Ferreira

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

Fornecimento de madeiras

—

Arrematação

Faz-se público que até ás 13 horas do dia 5 de Janeiro próximo serão recebidas propostas em carta fechada para o fornecimento de—m. c. 48,532—de madeira de pinho serrada.

As condições de arrematação e fornecimento estão patentes aos interessados todos os dias úteis das 11 às 17 horas, na Secretaria Municipal.

Câmara Municipal de Aveiro, 20 de Novembro de 1938

O Presidente da Câmara
Lourenço Simões Peixinho

SINDICATO N. O. da I. CERAMICA E O. C. DO DISTRITO DE AVEIRO

—o—

Assembleia Geral Extraordinária

—o—

CONVOCATÓRIA

A-fim-de serem elucidados sôbre os trabalhos efectuados durante o corrente ano, com referência à efectivação do *Contrato Colectivo de Trabalho da Classe Cerâmica*, são convidados todos os sócios, no pleno goso dos seus direitos, a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, pelas 10 horas do próximo dia 22 do corrente, na séde, Avenida Central, Aveiro.

No caso provável de não comparecer a maioria dos sócios nêste dia, reunirá impreterivelmente, no domingo 25, à mesma hora e no mesmo local.

Aveiro, 20 de Dezembro de 1938.

O Presidente da Comissão Administrativa
a) ANGELO CHUVA

INSPECÇÃO GERAL DAS INDUSTRIAS E COMERCIO AGRICOLAS

Serviços efectuados pela Séde e Delegações da Inspecção e receita cobrada para o Estado em Setembro de 1938

I—*Repartição dos Serviços das Indústrias e do Comercio Agricolas*—Licenças de laboração concedidas: a) Padarias, 59; b) Moagens, 133; c) Lagares de azeite, 45. Licenças de venda concedidas: a) Padarias, 31; b) Moagens (trocas e vendas), 16; c) Adubos (incluindo preparação, fabrico e importação) 147. Cartões profissionais: a) Concedidos, 124; b) Averbados, 343; Autos levantados, 70; Vistorias, 9.

II— *Secção do Comércio Agricola* —Verificação de margarinas (Kgs.) a) Fabricada em Portugal, 4.227; b) Importada, 22.540; Autorisações para transito de alcool industrial no Contidente (Litros). 185.533; Autorizações para desembaraço alfandegário de géneros (Quilos): Cacau colonial, 1.058; Café colonial, 20.711; Cera exótica, 1.020; Cola exótica, 2.026; Couros coloniais, 2.062; Goma exótica, 9.192; Milho colonial, 2.765.135; Milho exótico, 854.000; Sementes oleaginosas, 36.500.

III—*Movimento dos Armazens Gerais agricolas* (Kgs) a) Lisboa; Existência em 30 de Setembro, 391.985; Entradas em Outubro. 15.922; Saídas em Outubro, 52.315; Existência em 31 de Outubro, 355.592; b) Viana do Alentejo: Existência em 30 de Setembro, 885.800; Entradas em Outubro, 247.720; Saídas em Outubro, 91.800; Existência em 31 de Outubro 1.041.720.

IV—*Repartição dos Serviços de Fiscalização*: Estabelecimentos visitados, 1.140; Fiscalização de vendedores ambulantes, 362; Autos levantados, 267; Apreensões e sequestros, 50; Desnaturações e inutilizações, 47; Notificações, 265; Amostras colhidas, 134; Desselagens, 14; Vistorias e verificações, 23. Produtos analizados: a) Normais, 86; b) Impróprios, 131. Processos enviados ao Poder Judicial, 13; Idem, ao Tribunal Colectivo de Géneros Alimentícios, 224; *Acção exercida pela Brigada de fiscalização noturna às padarias de Lisboa e arredores*: Estabelecimentos visitados, 803; Autos levantados, 75; Apreensões e sequestros, 46; Desnaturações e inutilizações, 3; Amostras colhidas, 25; Verificações, 40

V—*Laboratório* (Lisboa): Número de análises, 291; Número de determinações, 2.150.

VI—*Receita para o Estado cobrada pela séde,* 58.522$25; (Esta verba não inclue a receita proveniente das multas impostas pelo Tribunal Colectivo de Géneros Alimentícios, Tribunais Ordinários e Organismos Corporativos nos julgamentos motivados por processos instaurados pela Inspecção Geral; engloba, porém, as percentagens para o Instituto de Socorros a Naufragos. O mesmo se dá com a receita das Delegações).

VII—*Delegações* a)—*Delegação do Porto* a)—*Indústrias e Comércio Agricolas*: a) Cartões profissionais: Concedidos, 131; Averbados, 11; Autos levantados, 9; Vistorias, 18; Inquéritos, 2; Autorizações para transito de alcool industrial (Lts.), 26 637; Idem, para desembaraço alfandegário de géneros coloniais e exóticos (Kgs.) Mandioca e crueira, 135.936; b) *Serviços de Fiscalização:* Estabelecimentos visitados, 531; Fiscalização de vendedores ambulantes, 1; Autos levantados, 26; Apreensões e sequestros, 19; Desnaturações e inutilizações, 11; Notificações, 22; Amostras colhidas, 35; Vistorias e verificações, 28; Desselagens, 4. Produtos analizados: a) Normais, 47; b) Impróprios, 12. Processos envtados Tribunal Colectivo de Géneros Alimentícios, 15; *Acção exercida pela Brigada de Fiscalização noturna às padarias do Porto e arredores:* Estabelecimentos visitados, 249; Autos levantados, 32; Apreensões e sequestros, 19; Amostras colhidas, 39; Desnaturações e inutilização, 2,

Movimento dos laboratórios: Número de análises, 78: Número de determinações, 844; Receita para o Estado, 75$00; Receita cobrada pela Delegação, 3.992$75,

Delegação de Coimbra a) *Indústrias e Comércio Agrícolas:* Cartões profissionais: a) Concedidos, 20; b) Averbados, 12; Autos lovantados, 51. Vistorias; Inquéritos, 1, b) *Fiscalização:* Estabelecimentos visitados, 574; Fiscalização de vendedores ambulantes, 7; Autos levantados, 51; Apreensões e sequestros, 1; Desnaturações e inutilizações, 2; Notificações, 2: Amostras colbidas, 70; Desselagens, 2; Produtos analizados: Impróprios, 43; Processos enviados ao Poder Judicial, 2; Idem, ao Tribunal Colectivo, 8; Receita para o Estado, 5.302$00.

Delegação de Evora: a) *Indústrias e Comércio Agrícolas*: Cartões profissionais: a) Concedidos, 12; b) Averbados, 9; Autos levantados, 31; b) *Fiscalização*: Estabelecimentos visitados, 150; Fiscalização de vendederes ambulantes, 18; Autos lexantados, 30; Apreensões e sequestros, 13; Notificações, 4; Amostras colhidas, 27; Processos enviados ao Poder Judicial, 1; Idem, ao Tribunal Colectivo, 11; Receita para o Estado, 841$50.

Delegação de Santarém: a) *Indústrias e Comércio Agricolas*: Cartões profissionais: Concedidos, 24; Vistorias e inquéritos, 4; a) *Fiscalização*: Estabelecimentos visitados, 437; Autos levantados, 31; amostras colhidas, 6; Processos enviados ao Tribunal Colectivo, 2; Receita para o Estado, 1.052$.

Delegação de Mirandela: a) *Indústrias e Comércio Agricolas*: Vistorias, 8; Inquéritos, 2; Receita para o Estado, 400$00.

O CHEFE DA DELEGAÇÃO
a) *do Braga*

Comarca de Aveiro

Citação-edital

1.a publicação

Pela Comissão de Assistência Judiciária da Comarca de Aveiro, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando José Carvalho da Silva, jornaleiro, auzente em parte incerta, para, no prazo de 5 dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, o pedido do benefício da Assistência Judiciária requerido por sua mulher Maria da Conceição Vieira da Ana, doméstica, residente em Aveiro, a-fim-de poder intentar acção de divórcio.

Aveiro, 12 de Dezembro de 1938.

Verifiquei:
O Presidente da Comissão,
F. Moreira

O Escrivão
João António de Morais Sarmento

A CULTURA DO TRIGO

Estamos em plena época de sementeira. Após prolongada estiagem, durante a qual alguns semearam na terra ressequida, no pó, como se costuma dizer, sobrevieram umas ligeiras chuvas que permitiram a generalização das sementeiras e que provocarão, dentro em pouco, a germinação dos trigos que já estavam semeados.

A cultura do trigo é uma das principais preocupações económicas, sociais e políticas da Nação portuguesa. Merece e tem merecido sempre a atenção de governantes e de governados, dos produtores e dos consumidores.

O govêrno do Estado Novo tem seguido, inalteràvelmente, uma política de protecção à cultura do trigo e várias vezes se tem dito que essa protecção irá até onde fôr necessário, em harmonia, evidentemente, com a evolução económica do País.

O Ministério da Agricultura tem defendido sempre e continuará a defender a tese da auto-suficiência, um dos grandes princípios da sua orientação económica. É em relação ao trigo que a preocupação de satisfazer as exigências nacionais tem atingido maiores proporções, porque constitue a base da alimentação dos povos civilizados e a sua importação da terra estranha à Pátria portuguesa implica pesado encargo para cuja libertação todos devem concorrer.

E' necessário intensificar a cultura do trigo tendo como principal finalidade produzir mais porque a Nação exige que a produção de trigo seja aumentada. E desta forma, produzindo mais por unidade de superfície, produzir-se-à mais barato e aumentar-se-ão os lucros da lavoura.

É necessário, sempre que tal medida não prejudique o equilíbrio das rotações e dos afolhamentos racionais, alargar a área cultivada anualmente de trigo, tendo em vista atingir a auto-suficiência necessária para a tranqüilidade do povo português e equilíbrio das nossas contas, mas com a prudência que iniciativas dêste género exigem.

Pretende-se satisfazer as exigências nacionais em trigo mas não se deseja que se verifique mais uma vez a sobreprodução pletórica cujos inconvenientes são conhecidos.

Dada a irregularidade das produções registadas nas grandes regiões trigueiras de Portugal motivadas por condições climáticas sujeitas a variações desordenadas, não será possível manter-nes com regularidade às portas da auto-suficiência sem nos arricamos a transpôr dum ano para outro êsse limite ideal a entrar mais ou menos violentamente, pelo domínio da sobreprodução que não desejamos invadir. Nesta luta entre o insuficiente e o exagerado, ambos prejudiciais, compete ao Estado ora estimular a produção, ora travá-la, e nessa atitude não deverá o produtor ver senão uma manifestação do seu desejo de acertar e de contribuir pelos meios de que dispõe, para o maior bem-estar comum.

Actualmente, havendo-se regressado ao regime deficitário, impõe-se produzir mais e por isso mais uma vez e tantas quantas fôrem necessárias, se lança ao produtor de trigo o apêlo:

A semear, a semear!

A produção e o estímulo à cultura de trigo traduz-se hoje pelas seguintes medidas:

a) A Federação Nacional dos Produtores de Trigo à sombra do disposto no artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 27.952 (regime cerealífero de 1937), paga aos produtores de trigo da presente campanha, por cada tonelada de superfosfato de fabrico nacional e dos adubos a seguir mencionados empregados na sementeira do trigo, um bonus por tonelada ou correspondente por fracção, de harmonia com a seguinte tabela:

Superfosfato de 12 por cento	40$00
» » 16 por cento	50$00
» » 18 ror cento	60$00
Sulfato de amónio	40$00
Nitrato de sódio	40$00
» de cal	40$00
Nitro-Chalk	40$00
Nitrato de amónio	40$00
Nitromónio	40$00
Cianamida	40$00
Sulfonitrato de amónio	40$00
Sulfato de potássio	40$00
Cloreto de potássio	40$00

b) A Caixa Nacional de Crédito, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 29.003 concede «assistência financeira à operação agrícola da campanha do trigo» até ao montante de Esc. 450$00 por hectare assim distribuidos:

Para sementeira e adubos	200$00
Para mondas	100$00
Para colheita, debulhas e recolha	150$00

medida cujo alcance é escusado enaltecer.

c) O regime cerealífero de 1938 (Decreto-Lei n.º 28.906) restabeleceu para o ano agrícola corrente o prêço médio do trigo da tabela de 1933 criando dessa forma um ambiente económico e psicológico favorável à intensificação cultural e até ao alargamento da área cultivada de trigo que, em virtude das fracas produções dos últimos dois anos, ameaçavam reduzir-se com prejuízo do equilíbrio dos afolhamentos mas num sentido oposto ao verificado nos anos de sobreprodução.

d) A assistência técnica, por ordem expressa de Sua Ex.ª o Ministro da Agricultura, traduz-se no presente ano cerealífero pelas seguintes medidas:

—Estabelecimento de cêrca de 500 campos de demonstração da cultura do trigo;

—Instalação de centros de limpeza e calibragem (selecção mecânica) nas regiões cerealíferas mais importantes. Desta forma se estão selecionando toneladas de trigo para semente;

—Aluguer aos agricultores, a preços módicos, das máquinas modernas mais apropriadas à cultura do trigo, tendo sempre em vista conciliar melhor técnica de realização com as possibilidades económicas da exploração considerada;

—Aluguer de material pesado de lavoura para a realização dos alqueives de verão nas regiões dos barros e das terras pesadas de aluvião.

Estão-se estabelecendo campos de demonstração da cultura do trigo com as seguintes modalidades:

a) Técnica cultural aperfeiçoada com adubações fosfo-azotadas normais;

b) Técnica cultural aperfeiçoada com adubação completa, isto é, fosfo-azoto-potássica;

c) Técnica de intensificação cultural pelo método «Gibertini» que se caracteriza pela aplicação de fortes doses de ácido fosfórico e de azoto, sendo o primeiro dêstes elementos encorporados logo na sementeira e o segundo distribuido fraccionadamente a partir do aparecimento da terceira fôlha.

Independentemente dos *campos de demonstração* está-se procedendo à instalação de *campos de adaptação* tendo em vista estudar as possibilidades de utilização pela lavoura, de 10 variedades novas de trigo, de origem italiana, importadas por iniciativa da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

No ano transacto o Ministério da Agricultura desenvolveu, através dos serviços de assistência técnica, apreciável actividade no fomento da cultura do trigo, cujos resultados dentro em breve serão publicados num relatório a cuja elaboração se está procedendo.

D. Francisco Maria de Vilhena
(Eng.º agrónomo)

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª publicação

Por este Juizo, primeira Vara, foi aberta a correição por espaço de trinta dias a contar do dia um do próximo mês de Janeiro e a terminar no dia 31 do mesmo mês; e assim são por êste meio chamadas todas as pessoas que tenham queixas a fazer contra os funcionários deste Juizo e do julgado de Vagos, sujeitos à referida correição, a apresenta-las em Juizo e em forma legal.

Aveiro, 10 de Dezembro de 1938.

O Chefe da 2.ª Secção
Carlos de Sousa

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 1.ª Vara,
António Ferreira

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 8 do próximo mês de Janeiro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, na execução por custas e selos promovida pelo Ministério Público contra os executados José Maria e mulher, Rosa Martins da Rocha, agricultores, do lugar e freguesia de Aradas, desta dita comarca, por apenso à acção sumaríssima em que são autor José António, casado jornaleiro, do mesmo lugar e freguesia, e reus os referidos executados, vai à praça, para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima do seu valor, o seguinte:

Uma quarta parte duma casa terrea com aido no sítio da Pedra Moira, limite do lugar da Legua, avaliada na quantia de 700$00.

A sisa e despesas da praça são pagas pelo arrematante, nos termos da lei.

Pelo presente são tambem citados quaisquer credores incertos e bem assim o comproprietário Manuel Maria da Rocha, do lugar da Legua, freguesia de Ilhavo, desta dita comarca, mas actualmente ausente em parte incerta da América do Norte, a-fim-de assistir à praça, podendo nela, aqueles, usar dos seus direitos e o comproprietário usar do direito de preferência, querendo.

Aveiro, 3 de Dezembro de 1938.

Verifiquei:
O Juiz de Direito
Melo Freitas

O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Victor

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.